

Dr. Roger Green, Reforma até o presente, Aula 10, O Iluminismo

© 2024 Roger Green e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Roger Green em seu curso sobre História da Igreja, Reforma até o Presente. Esta é a sessão 10, O Iluminismo.

Vamos viajar para onde deveríamos estar. É bem no final do corredor, bem no final, e tem mesas, e vamos sentar ao redor das mesas. Certo, então estamos onde deveríamos estar em nossa palestra, então estamos nos regozijando com isso. A palestra 5, A Teologia da Era do Iluminismo, é apenas um lembrete de que começamos o curso, é claro, olhando para o catolicismo romano medieval e do que se tratava.

Então, a Reforma por meio de Lutero, especialmente para o nosso curso, por meio de Calvino, é uma resposta ao catolicismo romano medieval, uma resposta inicial a ele. Então, nós olhamos para a resposta católica à resposta da Reforma, a Contrarreforma e a Reforma Católica. Então, na última palestra, nós vimos o protestantismo, que começou como um movimento bastante unificado.

Quero dizer, Lutero foi a primeira geração, e Calvino foi a segunda geração. O protestantismo então começa a se dividir um pouco e se lembra das duas questões sobre as quais se dividiu. É a liturgia da igreja e a política da igreja.

Então, a Reforma na Inglaterra formou a Igreja Anglicana, e da Igreja Anglicana eventualmente surgiu o Congregacionalismo, e os batistas e alguns dos batistas se tornaram unitaristas. Na verdade, alguns dos congregacionalistas também se tornaram unitaristas. Então, você está começando a ter uma espécie de denominacionalismo sendo estabelecido aqui.

Também tentamos enfatizar que a eclesiologia se tornou o argumento central durante aquele tempo. Se justificação e garantia eram os argumentos centrais do tempo da Reforma, então quando você passa para este período uma vez que a Reforma começa, certamente a eclesiologia é o que se torna meio central para aquele tempo. Agora estamos começando a Aula 5, A Teologia da Era do Iluminismo, e agora veremos o argumento central, em certo sentido, ou a história central deste tempo, é meio que uma crítica à Igreja e uma crítica ao Cristianismo.

Então, nesta palestra, o que eu quero fazer é mostrar o tipo de crítica que acontece em vários lugares, e especialmente, é claro, na Europa Ocidental, mas também aqui na América. A crítica que acontece, que faz o cristianismo e a Igreja, ela marginaliza, certamente marginaliza o cristianismo e a Igreja. Então, a próxima palestra é sobre o

que a Igreja faz sobre isso. Bem, a próxima palestra é sobre o ressurgimento evangélico na Igreja.

Então, estamos indo bem em termos de tempo, e começaremos esta palestra, e então temos sexta-feira, então temos a próxima semana, e então na semana seguinte, já estamos no meio do período. Então, na semana que vem, estamos na metade do curso. Então, estamos meio que marchando aqui.

Então, ok. A título de introdução, o que vou fazer aqui é que vou, vamos fazer duas coisas. Vou introduzir alguns termos, e então só quero nos lembrar da ascensão da filosofia moderna.

E lembre-se, uma das coisas no curso que queremos nos perguntar é qual é a relação entre teologia e filosofia. Então, apenas alguns termos. Ok, vamos apenas nos lembrar, vou usar três. Reforma, Renascença, Iluminismo.

Reforma, o termo Reforma. E lembre-se de que uma das coisas sobre a Reforma, em certo sentido, foi que ela libertou a consciência individual. E alguns de vocês responderam à pergunta sobre a libertação do eu, você sabe, ou a libertação da consciência.

Você respondeu a essa pergunta no exame. Mas, certamente, a Reforma foi uma reação contra o catolicismo romano medieval, sem dúvida. Mas foi uma reação que reformulou o corpo de Cristo, a igreja, e re-entendeu o que a igreja era.

Mas dentro daquela igreja, as pessoas podiam ter liberdade de consciência. Elas tinham a liberdade de pensar por si mesmas. Pessoas educadas, é claro, podiam ler as escrituras em sua própria língua.

Eles podiam ouvir a pregação em sua própria língua. Mas tudo era feito dentro da igreja. Toda essa liberdade de consciência era toda feita dentro da igreja, dentro do corpo de Cristo.

Então esse é o número um, a Reforma. Certo, agora paralelo à Reforma, número dois, a segunda definição é, claro, a Renascença. E a Renascença é uma espécie de retorno às fontes originais, fontes gregas e hebraicas, e assim por diante.

Como alguém disse, é a recuperação da humanidade e das habilidades humanas. Então, o Renascimento está correndo em paralelo à Reforma. O Renascimento também deu às pessoas uma espécie de liberdade de consciência.

O Renascimento também lhes deu o privilégio, em certo sentido, de pensar por si mesmos, essa liberdade de consciência. A diferença é que com muitos pensadores

renascentistas, não todos, mas com alguns pensadores renascentistas, a liberdade de consciência os levou para fora da igreja. Levou-os para fora do corpo de Cristo.

Então, diferente do tipo de pensamento da Reforma que era todo feito dentro da igreja, às vezes o pensamento renascentista era uma espécie de libertação da igreja e uma criação de um tipo de termos com os quais estaríamos familiarizados, como secularização ou humanismo, termos assim. Então, meio que produziu isso. Então agora há uma espécie de, na Renascença, há uma espécie de sentimento de autonomia, e esse sentimento de um tipo de autonomia humana, mas essa autonomia humana é feita à parte do corpo de Cristo, à parte da igreja.

Não para todos os pensadores renascentistas, mas para muitos. Então, a Reforma dentro da igreja e a Renascença começaram a se mover para fora da igreja. Certo, e então o número três, claro, agora chegamos ao Iluminismo.

Então, uma definição de Iluminismo. Iluminismo é o período do Iluminismo, começando no século XVII, o período da razão e o período da racionalização. É realmente um esforço consciente para aplicar a razão a todos os aspectos da vida.

Então é assim que eu definiria o Iluminismo, o período para o qual vamos nos mover agora. Aplicar razão e racionalidade a todos os aspectos da vida. Então, nós chamamos o século XVII de era da razão, mas há uma espécie de cautela aqui.

Embora a chamemos de era da razão, há uma pequena nota de advertência, e é que no século seguinte, no século XVIII, a suficiência da razão para tudo foi questionada. A suficiência da razão para a fé, por exemplo, para a vida religiosa, foi especialmente questionada. Então, razão, você pode julgar tudo pela razão na era do Iluminismo.

Você pode aplicar a regra da razão a tudo. Há uma espécie de harmonia pré-estabelecida na vida, mas essa razão tem limitações? E algumas pessoas disseram, sim, temos que ter cuidado aqui porque às vezes aplicar apenas a razão a todos os aspectos da vida terá limitações, e em nenhum lugar isso será visto mais do que quando você chega à religião. Você não pode simplesmente aplicar a razão apenas à religião.

Há algo. A fé tem que entrar aqui em algum lugar. Então esse é o período em que estamos meio que entrando. Então, o que eu gostaria de fazer também como introdução aqui é lembrar vocês de dois filósofos que, bem, eu vou lembrar vocês de três ou quatro filósofos, dois para a introdução, e então nós vamos entrar em alguns outros enquanto olhamos para outras coisas.

Mas queremos lembrá-lo de dois filósofos de seus dias na filosofia, quando você fez filosofia em seu curso principal. Então, os dois que vão se destacar em sua mente são

aqueles que você provavelmente nunca esqueceu, e você pode ainda estar meio que lendo aqui. Mas um é John Locke, e aqui estão as datas de John Locke.

Certo. Então, você se lembra de alguma coisa sobre John Locke? O que vem à mente quando você pensa em John Locke? Qualquer coisa vem à mente quando você pensa em John Locke, especialmente quando você pensa em John Locke em termos da maneira como entendemos as coisas? Certo? Isso é verdade. Isso é verdade.

Eu não estava, e não estou pensando aqui tanto na teoria política como, ok, essa é uma coisa que você lembra dele, e veremos isso também quando você chegar a pessoas como Rousseau. Mais alguma coisa sobre John Locke? Bem, John Locke, quando se trata da maneira como você pensa sobre as coisas, esse tipo de empirismo, para John Locke, a mente é uma espécie de papel em branco. Não sei se você se lembra disso ou não, mas a mente é uma espécie de papel em branco, e as sensações em sua vida, o que você aprende na vida, são colocadas nessa mente e deixam impressões em sua mente, e assim por diante.

No entanto, no que diz respeito a John Locke sobre este curso, a experiência é realmente onde o conhecimento começa. A experiência é a melhor fonte de conhecimento. Para John Locke, o que ele e outras pessoas estariam interessados seria uma revelação natural.

Como entendemos Deus? Entendemos Deus por meio de uma teologia natural. Entendemos Deus ao olhar para seu mundo criado, e essa experiência de olhar para o mundo é a impressão que é colocada em nossas mentes, e podemos saber algo sobre Deus a partir disso. Mas o que queremos observar é que o ponto de partida é uma teologia natural.

O ponto de partida é a experiência. O ponto de partida não é uma teologia revelada. Então o ponto de partida para sua discussão não é uma teologia revelada, Deus se revelando em Cristo por meio das escrituras.

É assim que sabemos sobre Deus, e sabemos um pouco sobre este mundo. Então é um ponto de partida diferente. E se for um ponto de partida diferente, será um ponto de chegada diferente também, porque, no que diz respeito a ele, no que diz respeito a Locke, o ponto de partida para o que você quer saber está realmente alojado em nós e não em Deus ou no que você pode aprender sobre Deus da igreja.

Então isso se torna realmente importante, e essa é uma filosofia que vai entrar no século XVII, no século XVIII, e que vai se desenvolver e ser importante, sem dúvida sobre isso. Então, para John Locke, se você usa palavras como razoabilidade ou racionalidade, isso se torna realmente crítico. Agora, a segunda pessoa é Immanuel Kant.

Immanuel Kant, ok, alguém, o que você lembra sobre Immanuel Kant? O que você lembra sobre Immanuel Kant? Qualquer coisa? Alguma coisa vem à mente sobre Immanuel Kant? Alguma coisa me chama a atenção? John Locke é o cara da direita, e Immanuel Kant é o cara da esquerda aqui. Mas alguma coisa vem à mente, Ruth, sobre Immanuel? Ética, certo? Chegaremos lá. Sim, isso se torna importante, isso mesmo, ética.

Mais alguma coisa sobre Immanuel Kant? Ok, ok, bem, em certo sentido, Immanuel Kant é um representante dos seres humanos que estão chegando à maioria na era do Iluminismo; ele é um representante perfeito disso. A humanidade atingiu a maioria, a humanidade meio que cresceu, e a razão se tornou a norma da vida. Você usa sua razão para julgar as coisas na vida, e ela se torna uma norma do que você sabe.

Você sabe através da razão. Agora, isso é tudo bom: razão, racionalidade, amadurecimento e todo esse tipo de coisa são todos bons, mas Immanuel Kant reconheceu que ele é a pessoa que nos ajuda a reconhecer que há limitações para a razão. E eu acho que uma das razões pelas quais ele pode ter reconhecido isso como tão importante para ele foi porque ele foi criado em um movimento na Alemanha chamado Pietismo.

Agora, Pietismo, falaremos sobre Pietismo na próxima palestra, então não precisamos nos preocupar com Pietismo agora, mas Pietismo basicamente foi um movimento muito bom e maravilhoso que combinava a mente e o coração. Foi uma reação contra o tipo de escolasticismo luterano, que era tudo mente, nenhum coração, tudo mente, nenhum sentimento, mas Deus o abençoe, mas o Pietismo meio que combinou esses. E foi assim que Immanuel Kant foi criado, no Pietismo.

Então ele certamente, então ele nos lembra que há limites para a razão. Então, quando se trata, por exemplo, quando se trata de Deus para Immanuel Kant, você não conhece Deus pela racionalidade. Você não conhece Deus.

Você não tem esse conhecimento de Deus por algum motivo. Você conhece Deus somente pela fé. É uma coisa religiosa pela qual você conhece Deus.

E então você mencionou ética ou moralidade e assim por diante. Então, ele tinha um princípio moral. Então, você se lembra, alguém se lembra qual era esse princípio moral? É chamado de imperativo categórico.

Você se lembra disso? Categórico, Deus te abençoe, o imperativo categórico. Então, eu amo o imperativo categórico. Pense nas consequências de suas ações se elas fossem universalizadas.

Deus te abençoe. Esse é o imperativo categórico. Pense nas consequências de suas ações.

Pense nas ações que você faz, nas coisas éticas que você faz, nas coisas morais que você faz. Pense nas consequências de suas ações se todos fizessem isso. Esse seria um mundo bom, ou seria um mundo ruim? Esse seria um mundo no qual você ficaria satisfeito, e Deus ficaria satisfeito, ou seria um mundo ruim? Então, Deus o abençoe.

Então, estamos universalizando agora nossas ações. Então, apenas universalize sua ação e pense se isso seria um mundo bom ou ruim. Então, para Immanuel Kant, esse é o imperativo categórico.

Esse é o mandato ético. É assim que você deve julgar a vida. Dei a ilustração em apenas um minuto, mas Deus o abençoe.

Deus te abençoe. Isso está se espalhando, não é? Acho que vou voltar um pouco, mas penso no imperativo categórico em Immanuel Kant e, como você mencionou, na ética. Agora, o que você poderia dizer, no entanto, é que Immanuel Kant acreditava em Deus, ele acreditava na imortalidade, ele acreditava na vida após a morte, e assim por diante, mas ele também acreditava na vida virtuosa, é claro, universalizando suas ações.

Mas o que você poderia dizer, no entanto, é que estamos começando a reduzir a religião à ética. Estamos começando a reduzir a religião à vida moral, à vida ética, à vida virtuosa. E então a religião está começando. Há um reducionismo acontecendo aqui.

E com esse reducionismo, é possível para algumas pessoas que seguem Kant esquecerem de outras verdades como Deus e a encarnação e o Espírito Santo e a igreja, o corpo de Cristo, e assim por diante? É possível esquecer essas outras coisas? A resposta para isso é sim, porque muitas pessoas no século XVIII se esqueceram de outros tipos de coisas religiosas, e elas apenas enfatizaram a vida virtuosa ou a boa vida. Kant é realmente difícil de ler. Acho que você provavelmente descobriu isso no seu curso, mas quando penso em Immanuel Kant, é quando estou dirigindo pela rua, e alguém está na minha frente, e eles estão abaixando as janelas do carro, e eles estão jogando suas latas de cerveja e cigarros ou suas coisas do McDonald's no acostamento da estrada.

E você sabe o que eu penso comigo mesmo quando eles estão fazendo isso? Eu acho, você sabe, se essas pessoas tivessem lido Immanuel Kant, elas nunca teriam feito isso. Porque se elas apenas pensassem em si mesmas, e se todo mundo fizesse isso? E se todo mundo estivesse dirigindo na estrada, abaixasse a janela e jogasse todo o lixo fora? Mesmo essas pessoas não gostariam de viver naquele mundo. Mas elas provavelmente não leram Immanuel Kant.

Então, eu acho que eles provavelmente não leram Immanuel Kant. Então, eles provavelmente não estão pensando sobre o que aconteceria se minha ação fosse universalizada. Quais seriam as consequências disso? E que tipo de mundo seria esse? Eles provavelmente não estão pensando dessa forma. Mas toda vez que vejo isso acontecendo, eu sempre penso em Immanuel Kant e no que ele diria a eles.

Mas aí está. Mas há esse problema, talvez, de marginalizar, de enfatizar a ética, enfatizar a moral, enfatizar as virtudes da vida? Há um problema com as pessoas que seguem Kant marginalizando outras grandes verdades ou verdades religiosas? Acho que provavelmente havia esse problema. Ok, então, apenas para introdução, aqui estão três termos que queremos lembrar.

E então duas pessoas que meio que podem nos ajudar a começar a história. Este é o nascimento da filosofia moderna. A filosofia moderna tem um impacto não apenas neste mundo cultural e no mundo científico, mas também no mundo religioso.

Então, qual é a relação entre filosofia e teologia? Locke e Kant nos ajudam a entender um pouco essa relação. Tem alguma coisa aqui? Estamos bem? Agora, se você está olhando suas anotações na página 13, o que eu gostaria de fazer agora é olhar como essa era do Iluminismo meio que se desenvolveu em quatro lugares. Inglaterra, França, Alemanha e América.

Então, só para dar uma breve visão desses quatro lugares, quero ver o que aconteceu aqui. Então, vamos começar com a Inglaterra. Como esse tipo de entendimento do Iluminismo funcionou na Inglaterra? Certo.

Opa, desculpe. Tenho que pensar em alguns termos aqui. A maneira como isso aconteceu na Inglaterra foi em um movimento chamado deísmo.

Certo, agora, deísmo não é uma denominação. Então, não deveríamos pensar nisso como uma denominação. Não é uma, não é uma denominação protestante.

O pensamento do deísmo acabaria por funcionar nas denominações protestantes. No entanto, o deísmo em si é mais um ponto de vista filosófico e religioso. Então, o deísmo realmente começou no século XVII na Inglaterra e realmente floresceu na Inglaterra durante o Iluminismo.

E então veio para a América. Mas quando você pensa no deísmo em termos de sua visão de Deus, qual é o tipo de visão padrão de Deus que os deístas tinham? Deus está lá em cima? Ele criou o mundo, ele o fez funcionar, e então ele se afasta, e ele é o observador dessa criação que ele fez. Frequentemente, é o Deus relojoeiro que ele criou, o Deus relojoeiro.

Ele criou o relógio, o configurou, o fez funcionar e então se afastou. Então, e o deísmo era assim, não há dúvidas sobre isso. Começou na Inglaterra e veio para cá, para a América.

Então, só para ficar claro, o que eu gostaria de mencionar são seis aspectos do deísmo. Então, conforme o deísmo toma forma na era do Iluminismo na Inglaterra, há muitos aspectos do deísmo, mas eu quero mencionar apenas seis para ficarmos claros sobre eles. Certo, número um, os deístas acreditavam em um Deus criador.

Então, como eu disse, eles eram monoteístas e acreditavam em um Deus. Eles não eram, você sabe, agnósticos ou ateus ou não eram politeístas. Eles acreditavam no Deus criador.

Eles acreditavam no Deus único. Ok, em segundo lugar, os deístas tinham uma opinião muito alta do livre-arbítrio humano. Os deístas na Inglaterra estavam reagindo contra os calvinistas na Inglaterra e a doutrina da predestinação.

Então essas pessoas acreditavam na liberdade da vontade, e isso vai ser importante tanto na vida religiosa britânica, mas também vai ser importante, eu diria, vai ser importante na vida religiosa britânica e americana, mas também vai ser importante na vida política britânica e americana também. Então, com a liberdade da vontade, os seres humanos são livres para fazer escolhas, número dois. Ok, número três, os deístas acreditavam em uma vida virtuosa, como Immanuel Kant.

Eles acreditavam em uma vida moral e uma vida ética. Eles acreditam que essa é uma boa maneira de viver a vida. Você não precisa necessariamente da Bíblia para lhe dizer isso.

Seu próprio tipo de pensamento razoável pode lhe dizer isso. Então esse é o número três. Número quatro, os deístas acreditavam em vida após a morte.

Eles achavam que nem tudo seria resolvido nesta vida. Então, os deístas acreditavam na vida após a morte, embora fosse bem vago, e acreditavam em recompensas e punições. Então eles acreditavam em um sentido no céu e no inferno, mas é bem vago, mas há uma vida após a morte, e há recompensas para as pessoas virtuosas, e há punições para as pessoas, para as pessoas imorais.

Então, eles acreditavam nisso. Então, número cinco, eles acreditavam na importância da razão. Na verdade, eles enfatizavam a importância da razão tanto religiosamente quanto, claro, culturalmente.

E especialmente culturalmente, especialmente quando se trata de vida política. Então, ok. Número seis, eles acreditavam na importância da teologia natural.

Eles ressaltaram o quão crítica é a teologia natural. E o que é teologia natural? Teologia natural está olhando para a ordem criada por Deus e tirando algumas conclusões dessa ordem criada. Então você olha para a criação de Deus para os deístas, e Deus é um Deus de ordem, Deus de beleza, Deus de design, e assim por diante.

Agora, infelizmente, os deístas não lidaram o suficiente com os problemas da teologia natural. Então, a teologia natural é uma coisa. Quando você está em um dia como hoje e olha para a beleza, ordem e design do universo em nosso campus, você sabe, isso é bom. E a teologia natural pode levá-lo um pouco do caminho, como os deístas acreditavam.

Eles eram muito dependentes disso. O que eles não lutaram o suficiente é, o que você faz com tsunamis, terremotos, inundações e a Peste Negra? O que você faz quando o mundo natural não demonstra um Deus de ordem, beleza e design? Então o que você faz? Então onde está sua teologia natural, sabe? Então, infelizmente, enquanto eles confiavam muito na teologia natural, eu não acho que eles lidaram o suficiente com os limites da teologia natural. A teologia natural só pode nos levar até certo ponto, mas eu não acho que eles lidaram o suficiente com isso.

Mas de qualquer forma, eles dependiam disso. Então, quando penso no deísmo na Inglaterra, e isso eventualmente vai evoluir para uma denominação chamada Unitarismo, quando penso no deísmo na Inglaterra, penso nessas seis características dos deístas. Agora, só para meio que sublinhar esse deísmo, eu quero destacar dois escritores deístas, desculpe, dois escritores deístas que foram importantes.

Um escritor era um homem chamado John Toland, e essas são suas datas, e ele escreveu um livro chamado Christianity Not Mysterious. Christianity Not Mysterious. Certo.

Ah, ele é o terceiro aqui embaixo. Cristianismo não é misterioso, John Toland. Ele era um deísta inglês, e seu livro era uma espécie de manifesto do deísmo.

O livro dele era uma espécie de Bíblia do deísmo e uma espécie de best-seller do deísmo na Inglaterra. E o que ele tentou, quero dizer, o título, eu acho, é bem claro. Sua tese básica é que não há nada de misterioso no cristianismo.

Tudo o que precisamos saber sobre Deus, o cristianismo e a igreja pode ser conhecido pela razão. Então, não há nada de misterioso aqui. Não há mistério aqui.

Então essa é a tese dele. É o que ele afirma no livro, o que é uma boa afirmação do tipo deísta. Então, ele está pegando todos os ensinamentos da Era do Iluminismo, aplicando-os ao cristianismo, escrevendo seu livro e explicando do que se trata o deísmo.

Então, ele é um que eu acho que devemos tomar nota, porque ele e seu livro tiveram uma influência realmente profunda. O segundo é o livro de Matthew Tyndall, *Christianity As Old As Creation*. *Christianity As Old As Creation*.

Certo? Então, a mesma coisa no cristianismo. Tão velho quanto a criação, no que lhe diz respeito, a razão é a pedra de toque da religião. Não há nada na vida religiosa, nada na vida cristã, nada na igreja, nada sobre Deus que você não possa saber pela razão. Apenas aplique a razão, aplique a racionalidade, e você descobrirá que não há nada que você queira. Você entenderá do que se trata a religião.

Certo. Agora, quando isso acontece em seu livro, ele leva duas coisas à tarefa, em certo sentido, no livro, obviamente. Número um, ele leva os milagres na Bíblia à tarefa, porque os milagres não são razoáveis.

Eles não são racionais. Eles não podem ser racionalizados. Então, eles têm que ser descartados porque não estão acompanhando a teologia natural estrita.

Então, a primeira coisa a ir são os milagres na Bíblia. Certo? E a segunda coisa a ir é qualquer senso de revelação divina, qualquer senso de Deus divino se revelando de outra forma que não através do mundo natural. Então, revelar-se em um livro ou revelar-se em uma pessoa, em Cristo, isso vai.

Você não pode ter isso. Então, o que ele quer fazer é ver o cristianismo tão antigo quanto a criação. O título do livro é tão antigo quanto a criação, e o relato da criação está aqui.

E ele quer abandonar qualquer coisa que fale contra a teologia natural. Os deístas eram muito bons em escolher e selecionar das escrituras. Então, se o relato da criação é um bom exemplo, relato da criação, um Deus criado de forma ordenada.

Mas encarnação, Deus vindo em carne, ou um Jesus que está realizando milagres, ou Jesus que ressuscita dos mortos, esses tipos de coisas estão fora de questão. Então, ele tem que escolher. Certo.

Eles acreditam que o relato da criação é um bom exemplo; eles acreditam que eles são, quer dizer, Tindler era monoteísta. Então, ele acreditava que um Deus foi criado. Ele não acredita no relato da criação como você lê na Bíblia.

Ele acredita que isso é ilustrativo de como Deus criou, mas não é cientificamente preciso. É o que ele diria. Mas ele não está preocupado com isso.

Um Deus criou. Essa é a história bíblica, no que lhe diz respeito. Mas você não seria capaz de confirmá-la pela razão ou racionalidade. Então, o tipo de coisas que mencionamos acima são as que o Tinder acreditaria.

Mas sim, essas pessoas vão ter que escolher muita coisa da Bíblia. Elas não jogaram a Bíblia toda fora porque eram monoteístas, mas tiveram que escolher. Ok, então deísmo.

Então, o tipo de expressão do Iluminismo na Inglaterra foi o deísmo. Isso evoluiu para o Unitarismo, e era nisso que os deístas acreditavam. E se você tem pessoas escrevendo, pregando, ensinando, e seus escritos estão sendo nossos best-sellers, mais ou menos o que chamaríamos de best-sellers hoje, então você tem um florescimento muito bom aqui na Inglaterra do Iluminismo.

Isso faz sentido? Alguém tem alguma pergunta sobre isso? Não estou pedindo para você acreditar nos deístas. Só estou pedindo para você entender os deístas. Estamos bem com eles? Eles não acreditam nisso.

Eles não acreditam que Jesus era Deus. Eles acreditam, e provavelmente veremos isso um pouco mais quando chegarmos à França e à Alemanha, mas eles acreditam que ele era uma boa pessoa moral. Eles acreditam que ele era uma pessoa histórica.

No entanto, houve pessoas que apareceram, especialmente na Alemanha, que negaram a historicidade de Jesus. Mas esses deístas acreditam que ele era uma boa pessoa moral e ética. Na verdade, eles achavam que você deveria seguir Jesus e ser como Jesus.

Ele era uma boa pessoa moral. Você deveria ser uma boa pessoa moral. Você se lembra de CS Lewis, você se lembra do cristianismo puro e simples qual era a refutação de CS Lewis sobre isso? Jesus é uma boa pessoa.

Você deveria ser como Jesus. Apenas siga Jesus. Você seria uma pessoa legal.

Você se lembra de CS Lewis? O que ele disse? Esse é o mentiroso, lunático, mentiroso. Você não pode ter isso. Você não pode ter Jesus como um bom homem que você vai seguir.

Há apenas duas escolhas a fazer com Jesus. Ou ele é um mentiroso e um lunático porque ele se chama Deus, o que é realmente problemático aqui, ou, e os escritores do evangelho dizem coisas como Deus se tornou carne, ou ele é um mentiroso e um lunático ou ele é Senhor. Mas você não pode ter esse meio termo que esses deístas estão tentando ter com Jesus.

Como um homem bom, um homem moral, você deveria ser como Jesus. Eu não posso ter isso. Então, CS Lewis meio que pôs fim a isso, em certo sentido, no mero cristianismo.

Quer dizer, as pessoas faziam isso antes de CS Lewis, mas em termos de talvez nossa leitura. Vocês todos leram Cristianismo Puro e Simples? Certo. Certo.

Se você não leu, você quer colocar na sua lista de leitura de verão. Certo. Então, os deístas, aí estão eles.

Alguma pergunta sobre os deístas? Você está tudo certo com eles? Certo. Eles eram um grupo muito importante porque trouxeram o iluminismo e o aplicaram à religião. Então, certo.

O número C é França. Agora, a palavra que eu uso para França é, did I? Eu não coloquei na coisa. Certo.

Ah, aqui, eu tenho algumas palavras aqui em cima. Não tenho? Tenho. Escolástica, bem, nós sabemos o que é isso.

O deísmo evoluiu para o unitarismo. Ainda não chegamos ao panteísmo. O imperativo categórico era o que eu, a palavra que eu deveria ter colocado ali quando estávamos falando sobre Kant.

Então, o imperativo moral, o imperativo categórico. Então, de qualquer forma, eu, eu pensei, como posso lidar com esse século XVIII, XVII, século XVIII com o que está acontecendo? Então eu coloquei um sinal de pare ali. É como se eu quisesse, quando eu lesse algumas dessas pessoas, especialmente algumas que vamos mencionar agora, eu quisesse apenas gritar pare.

Vamos repensar isso. Vamos rediscutir isso porque essas pessoas estavam nos levando bem longe do cristianismo histórico, da ortodoxia, da teologia. Então, ok.

Então, de qualquer forma, lá estão eles. Tudo bem. Tudo bem.

Vamos para a França e vejamos o que aconteceu na França. A palavra que eu uso na França é naturalismo. Então, na Inglaterra, a palavra que eu uso é deísmo.

Na França, a palavra que eu uso é naturalismo. E não há dúvida de que o que aconteceu no século XVIII na França foi muito mais, muito, muito mais radical do que o que aconteceu na Inglaterra. Muito menos contido.

Os deístas eram pessoas bem contidas, racionais e esclarecidas. O que aconteceu na França foi muito menos contido do que o que estava acontecendo na Inglaterra. E houve um tipo de guerra aberta contra a igreja institucional na França.

E então veio a Revolução Francesa. Uma estatística que li foi que na época da Revolução Francesa, em 1789, um quarto das terras na França era propriedade da igreja. Um quarto das terras era propriedade da igreja na época da Revolução Francesa.

Não é de se espantar que as pessoas estivessem tão chateadas com a igreja institucional porque, no que lhes dizia respeito, tudo o que a igreja institucional estava fazendo era batizar a realeza da França. E então, a Revolução Francesa veio, e, claro, foi uma revolução horrível, horrível, horrível. E uma revolução muito sangrenta.

Revolução horrível. Então, o que aconteceu na França foi muito mais radical, tanto religiosa quanto politicamente, do que o que aconteceu em outros lugares. Não há dúvidas sobre isso.

Então, para meio que sublinhar isso, vamos olhar para algumas pessoas. Primeiro, vamos mencionar Spinoza. Certo, e aí você tem as datas de Spinoza, Benedict Spinoza, um pensador francês, um escritor francês.

Então, a coisa básica que você quer saber sobre Spinoza é que Spinoza tinha uma atitude muito, muito extrema, se você ler qualquer coisa de Spinoza, muito extremamente crítica em relação à religião e à Bíblia. Uma atitude muito mais radicalmente crítica em relação à Bíblia do que os deístas tinham, por exemplo. E isso apesar do fato de que ele tinha uma formação judaica.

O que Spinoza realmente desenvolveu foi um tipo de panteísmo religioso. Aqui está, a quarta bala para baixo. O que Spinoza realmente desenvolveu foi um tipo de panteísmo religioso.

Ele não acreditava no Deus da Bíblia. Ele não acreditava no Deus da igreja. Mas talvez haja algo sagrado no mundo em que vivemos.

Talvez haja algo, talvez haja uma sacralidade no mundo em que vivemos. E então o panteísmo meio que chega lá. Então, Spinoza é realmente muito mais radical do que os deístas, e ele exemplifica o que vai acontecer filosoficamente na França durante esse período que chamamos de naturalismo.

É tudo interessante para mim porque Spinoza tinha uma origem judaica. Ele nasceu em uma família judia, então você pensaria que ele não seria tão radical quanto foi, mas mesmo assim ele foi. Então essa é uma pessoa que vamos mencionar.

A segunda pessoa que vamos mencionar é Voltaire. Voltaire leva o argumento um pouco mais adiante, nascido depois de Spinoza, obviamente, e então leva o argumento direto para o século XVIII. Ok, então para Voltaire.

Panteísmo. Panteísmo é um tipo de negação do monoteísmo. É uma negação de um Deus, e um Deus criado no mundo.

É uma crença de que o sagrado não é necessariamente Deus, mas que o sagrado está neste mundo. Então, você pode encontrar sacralidade no mundo olhando para as árvores e os riachos. Então Deus está meio que nos riachos.

Ele está meio que nas árvores. Ele está meio que nas montanhas e assim por diante. Mas é muito, não é o Deus da Bíblia.

Não é o Deus que criou e tem poder e autoridade sobre sua criação e assim por diante. É uma espécie de religião; este é um panteísmo religioso, um tipo de crença de que o divino, seja lá o que for, é o Deus da Bíblia. Não. É Cristo? Não.

É o Espírito Santo? Não. Mas que o divino está no universo de alguma forma. Isso faz sentido? Não acho que faça muito sentido, mas é o que rotulamos como um tipo de panteísmo religioso.

É onde ele acaba. Então, não tem muita coisa lá também, não tem muita coisa lá. Se você é, eu acho, eu suponho que se você é um panteísta extremo, eu suponho que então você consegue adorar aquele mundo natural então.

Eu suponho que se você for, se você levar o panteísmo ao extremo, se o sagrado está naquelas árvores, você começa a adorar aquelas árvores porque o sagrado está ali, os deuses estão ali. Ou se o sagrado está naquele riacho, você começa a adorar aquele riacho porque o sagrado está, não é? Isso faz sentido, Jesse? Então ele certamente, ele certamente se moveu para um tipo de panteísmo e certamente se afastou de qualquer coisa que a igreja ensinava ou que a Bíblia ensinava sobre Deus e encarnação e coisas assim.

Outra coisa. Ele era brando, eu acho, comparado a Voltaire. Eu acho que todo mundo era brando comparado a Voltaire porque ele realmente, para Voltaire, religião é simplesmente e realmente somente, eu diria, simplesmente ou somente em moralidade e ética.

Sua visão religiosa era sobre moralidade e viver uma vida ética. E ele realmente desprezava, não acho que seja uma palavra muito forte, ele desprezava qualquer coisa que sáísse do cristianismo ou da igreja. Ele desprezava os ensinamentos da igreja.

Na verdade, uma das famosas falas que ele dá em um de seus escritos é, esmague a infâmia. Bem, com isso, ele queria dizer esmagar a igreja e esmagar tudo o que a igreja acredita e ensina. Esmague, esmague esse negócio de Deus e a encarnação e Jesus e a igreja local e assim por diante.

Então, no que lhe dizia respeito, era tudo uma abominação. Agora, com Voltaire, infelizmente, você tem um antissemitismo muito forte em seus escritos, porque quem produziu todo esse negócio sobre Deus, a Bíblia e Jesus? Quem produziu tudo isso, é claro, foram os judeus. Então, você tem esse tipo de antissemitismo muito forte aqui.

E é apenas um tipo de ataque vil. O ataque de Voltaire é um tipo de ataque vil ao cristianismo e às coisas que estudamos. Quero dizer, até os deístas teriam sido humilhados por esse tipo de ataque porque os deístas acreditavam em um Deus e acreditavam na vida moral.

Então, de qualquer forma, esse é Voltaire. Certo, esse é o número dois. E antes de deixarmos a França, vamos direto para Rousseau.

Certo. Rousseau é muito, muito importante. Agora, a questão sobre Rousseau é que ele não nasceu na França.

Na verdade, ele nasceu na Suíça, mas se mudou para Paris. Então, sua vida e seus escritos estão associados à França. Então agora você vai se familiarizar com algumas coisas sobre Rousseau.

O que vou mencionar são quatro coisas sobre ele. A razão pela qual demorei um pouco mais com Rousseau foi porque as pessoas na América liam muito Rousseau. Rousseau seria muito influente na vida pública aqui no Novo Mundo.

Então é por isso que levamos um pouco mais de tempo com Rousseau em termos de resolver essa era do Iluminismo. Tenho tempo para talvez uma ou duas coisas aqui para Rousseau. Certo, o número um para Rousseau é, para ele, a marca registrada da religião. No que lhe diz respeito, a marca registrada da religião é o sentimento.

A marca registrada da religião é a vida interior. A vida interior, o sentimento que você tem, é disso que se trata a religião. Então o que ele está fazendo é se afastar. Ele está provando os limites da racionalidade, então, não é? Ele está provando os limites da razão.

Ele está indo na outra direção. Se religião é sentimento, emoção, e religião é uma questão de vida interior, então ele está se afastando dessas pessoas no Iluminismo que eram muito ligadas à racionalidade. O que significa que sob esse primeiro ponto,

Rousseau é uma das figuras que vai ser uma espécie de figura de transição, ajudando a mover a cultura mais ampla de um mundo de Iluminismo para um mundo de racionalidade e qual é o próximo grande tipo de movimento cultural que chega ao século XIX? Não a era da razão, mas o que chega ao século XIX? Isso seria o Romantismo. O Romantismo é um tipo de movimento cultural baseado em sentimentos e assim por diante.

Então, a música do século XVIII, qual é a música do século XVII? Se você gosta dessa música, é Handel-Haydn, não é? Talvez haja alguns amantes da música aqui, mas para mim, na minha mente limitada, é muito racional, não é? A música é muito racional, muito razoável. Quando você entra no século XIX, no entanto, e entra em Tchaikovsky e outras pessoas, a música é muito mais, não é? Muito mais emocional e assim por diante. E você poderia dizer que é a mesma coisa, eu acho, sobre arte e assim por diante.

Então, certamente, Rousseau é talvez uma figura de transição aqui porque, para ele, a vida religiosa não é uma vida de racionalidade como a dos deístas. É mais um sentimento, mais emocional. Então, isso é meio que uma coisa.

Ok, uma segunda coisa sobre Rousseau, e isso está em sua escrita, é um retorno ao mundo natural, um retorno à natureza, tipo de imagem nobre e selvagem que ele nos dá. Ele quer nos ver vivendo mais no mundo natural, e ele quer ver a humanidade com esse tipo de moralidade natural que te leva a se afastar do egoísmo do mundo industrial florescente. Se afastar do mal do mundo industrial florescente.

Afaste-se da ganância do mundo florescente. Volte para o mundo natural, o que foi pretendido naquele mundo natural, e assim por diante. Bem, isso é um e dois.

Três e quatro. Faremos três e quatro na sexta-feira, e, na verdade, o terceiro e o quarto são mais importantes para o que estamos falando de qualquer maneira. Então, ok, preciso parar por aqui.

Este é o Dr. Roger Green em seu curso sobre História da Igreja, Reforma até o Presente. Esta é a sessão 10, O Iluminismo.